

Atos

Pelo que Você Morreria? (6:8—8:4)

Seu mencionasse o nome “Estêvão”, a maioria de vocês pensaria no “primeiro mártir cristão”. Se eu dissesse “o primeiro mártir cristão”, a maioria completaria minhas palavras com o nome “Estêvão”. O nome de Estêvão sempre estará encerrado em nossos corações como o primeiro dos milhares que morreram por Jesus. O que mais sabemos sobre Estêvão? Sabemos *por que* ele foi morto em nome de sua fé? Entendemos a contribuição que ele fez ao cristianismo?

Estêvão é como um meteoro rasgando o céu com seu brilho e depois desaparecendo. No capítulo 6 ele é apresentado como um dos escolhidos para servir às mesas. No final do capítulo 7 ele está morto. Num breve período ele foi usado poderosamente por Deus para cumprir Seus propósitos.

O nome dado a ele pelos pais era um prenúncio de seu final vitorioso. No Novo Testamento, duas palavras são usadas para “coroa”: *diadema* — a palavra transliterada para o português, a coroa real (o tipo de coroa colocada nas cabeças dos reis [Apocalipse 19:12]) — e *stephanos*, a coroa da *vitória* (tal como o laurel colocado nas cabeças dos vencedores nos jogos olímpicos). *Stephanos* é a palavra usada em Apocalipse 2:10:

“Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a *coroa* da vida” (grifo meu). Estêvão foi fiel até a morte e sua vida foi coroada com a vitória!

Após esta lição e as duas seguintes, espero que tenhamos um conhecimento melhor de Estêvão e de seu trabalho. Espero também que seu exemplo faça-nos olhar mais de perto para nossas próprias vidas. Estêvão estava disposto a morrer por causa de sua fé. Pelo que estamos dispostos a morrer?

UMA FÉ PELA QUAL VALE À PENA LUTAR (6:8–12)

Nossa história começa em 6:8: “Estêvão, cheio de graça e poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo”¹. Esta apresentação de Estêvão tem uma importância significativa, como observou Lewis Foster:

Até agora, Atos falou apenas dos apóstolos operando milagres (2:43; 3:4–8; 5:12). Mas agora, depois da imposição de mãos dos apóstolos, Estêvão também é descrito como operando sinais miraculosos. Filipe também fará logo o mesmo (8:6)².

Anteriormente foi dito que Estêvão era cheio de fé (6:5), cheio de sabedoria (6:3) e cheio do Espírito Santo (6:3, 5). Agora lemos que ele era

¹Não sabemos quais prodígios e sinais Estêvão realizou. Presumimos que eram do mesmo tipo que os dos apóstolos: curar e expulsar demônios. Tudo indica que ele também recebeu o dom de falar por inspiração (veja as notas sobre 6:10).

²Lewis Foster, notas sobre Atos, *The NIV Study Bible* (“Bíblia de Estudo NVI”). Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publ. House, 1985, p. 1654.

“cheio de graça³ [de Deus] e poder”. Era um homem cheio de — ou controlado por — Deus e tudo o que a Ele se relaciona!

Estêvão tinha um ministério especial, servir às mesas. Mas, ele não usou isto como uma desculpa para não utilizar seus outros dons dados por Deus⁴. Ele curava pessoas e falava aos outros de Jesus. Até esta altura, conforme o relato, todo ensino público era dado pelos apóstolos e feito no templo⁵. Agora, com ousadia, Estêvão levava a mensagem às sinagogas. Lemos o seguinte: “Levantaram-se, porém, alguns dos que eram da sinagoga chamada dos Libertos, dos cirineus, dos alexandrinos e dos da Cilícia e Ásia, e discutiam com Estêvão” (v. 9).

Esta é a primeira menção da sinagoga em Atos. A sinagoga teve seu início durante o cativeiro babilônico, quando os judeus não podiam adorar no templo⁶. No tempo dos apóstolos, havia sinagogas espalhadas por todo o Império Romano. Jerusalém tinha centenas delas⁷. A sinagoga em particular aonde Estêvão levou o evangelho era chamada “Sinagoga dos Libertos”⁸; a sinagoga constituía-se de homens que tinham sido libertos da escravidão⁹. Alguns eram de Cirene¹⁰ ou Alexandria, que localizavam-se no norte da África, ao sul do mar Mediterrâneo. Outros eram da Cilícia ou Ásia, que localizavam-se na Ásia Menor, ao norte do mar¹¹. Ninguém

era da Palestina; todos eram judeus¹² helenistas, assim como Estêvão. Este provavelmente freqüentara essa sinagoga antes de tornar-se cristão.

Talvez Lucas tenha mencionado Cirene, Alexandria, Cilícia e Ásia porque pessoas procedentes desses lugares teriam, mais tarde, uma proeminência no Livro de Atos¹³. Estêvão estava espalhando sementes que um dia culminariam numa colheita. O local mais significativo nomeado por Lucas é a Cilícia. A capital da Cilícia era Tarso — e um jovem de Tarso, chamado Saulo, residia então em Jerusalém (7:58; 22:3). É provável que Saulo tenha freqüentado a sinagoga onde outros cilicianos vinham para adorar. Ele pode ter estado presente quando Estêvão veio lhes falar de Jesus¹⁴.

Não sabemos com exatidão qual era o conteúdo da mensagem de Estêvão na sinagoga. Grande parte de sua pregação certamente consistia no evangelho pregado pelos apóstolos nos capítulos 2 a 4. Talvez Deus tenha conduzido Estêvão a anunciar conclusões que não haviam sido ditas, mas estavam implícitas¹⁵. Pedro e os demais apóstolos haviam enfatizado que só há salvação no nome de Jesus (4:12). Talvez Estêvão tivesse chegado à conclusão de que os judeus *não* poderiam ser salvos com base em ser o povo escolhido de Deus, nem em guardar a lei de Moisés e as tradições judaicas não inspiradas,

³“Cheio de graça” poderia significar que Estêvão era uma pessoa benigna, que intercedia em favor (graça) das pessoas, ou que a graça de Deus residia nele de forma especial. Ele *era* uma pessoa benigna (7:2); inicialmente ele pode ter tido boas relações com o povo; mas à luz dos últimos acontecimentos, a NVI parece traduzir bem parte do versículo por “homem cheio da graça e do poder *de Deus*” (grifo meu). ⁴Cada um de nós precisamos achar nosso ministério especial — aquele serviço especial na igreja do Senhor que Deus separou especialmente para nós. Se todos os membros fizessem isso, aconteceria uma revolução na obra do Senhor! Mas se nós já o fazemos, não devemos usar isto como uma desculpa para não fazer nada mais no reino. Todos recebemos ordens *gerais* a que devemos obedecer que independem de “dons especiais”. Por exemplo, observamos que em 8:1–4, *cada* cristão começou a espalhar a Palavra. Tenho certeza de que não eram todos que possuíam um dom específico para evangelismo. ⁵O ensino particular ocorria nos lares (2:46). ⁶Veja “Sinagoga” no Glossário. ⁷Um escritor antigo disse que Jerusalém tinha 480 sinagogas. Atos 6:9 indica muitas das sinagogas haviam começado para acomodar pessoas com diferentes bases culturais, provendo lugares onde se sentissem mais confortáveis. Os eruditos acharam até cinco das sinagogas do verso 9, uma para cada grupo mencionado. É possível que Estêvão tenha ido a mais de uma sinagoga helenista para contar a história de Jesus. Como o texto original e a tradução portuguesa usam o singular, nos referiremos também a uma sinagoga nesta lição. ⁸A ERC traduz “dos libertinos”, que originalmente significava os que receberam liberdade, mas hoje refere-se aos que agem sem restrição moral. Portanto, “libertos” é a opção preferível. ⁹Ou eles ou seus pais forame escravos. Um número considerável de judeus foram levados cativos pelo general romano Pompeu e mais tarde soltos em Roma. Outros escravos judeus também haviam sido libertos há anos. ¹⁰Simão de Cirene carregara a cruz de Jesus (Lucas 23:26). ¹¹Como essas terras são distantes uma da outra e (presumivelmente) tinham pouco em comum, alguns insistem que se tratam de, pelo menos, duas sinagogas: uma para os do norte e outra para os do sul. Todavia se eram todos libertos, então *tinham* algo em comum. ¹²Veja notas a 6:1. ¹³Homens de Cirene levaram o evangelho a Antioquia (11:20). Apolo era de Alexandria (18:24). Judeus da Ásia foram posteriormente responsáveis pela prisão de Paulo (21:27; 24:18, 19). (Não poderiam ser estes alguns dos que se decepcionaram com Estêvão?) ¹⁴Alguns especulam que Saulo era chamado nas sinagogas para debater com Estêvão. É mais provável pensar que Saulo estava ali como resultado natural de ser da Cilícia. ¹⁵Nos primórdios da igreja, Deus revelou Sua vontade um pouco (ou muito) por vez — conforme era necessário. Observe a visão dada a Pedro no capítulo 10. Finalmente, porém, Deus completou Sua revelação (Judás 3). Hoje não temos esse tipo de revelação progressiva.

nem com base na adoração no templo¹⁶.

Qualquer que tenha sido a mensagem de Estêvão, ela despertou raiva em alguns da sinagoga: “Levantaram-se... e discutiam com Estêvão”¹⁷. Saulo, uma das mais brilhantes mentes entre os jovens judeus, pode ter estado entre os que tentaram silenciar Estêvão com palavras. Estêvão, porém, não recuou; manteve os pés no chão. Existe uma diferença entre provocar contendas (veja 1 Coríntios 1:11; Tito 3:9) e contender pelo que realmente importa. Judas escreveu que devemos “batalhar, diligentemente, pela fé” (Judas 3). Pedro escreveu: “Antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1 Pedro 3:15; grifo meu). Alguns dizem que já passou o tempo de se discutir sobre religião. Já acabaram as discussões sem polidez, sem cordialidade e sem espírito cristão. Mas as discussões “com integridade e reverência” (Tito 2:7) nunca estarão fora de moda.

Estêvão era um, enquanto seus oponentes eram muitos. Atiravam perguntas, argumentos e objeções ardilosas de todos os lados. É difícil defender a verdade sob tais circunstâncias! O versículo 10 diz que “não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito¹⁸, pelo qual ele falava”. O sermão de Estêvão no capítulo 7 sugere como ele respondeu a seus oponentes: deu-lhes o “capítulo e o versículo” do Antigo Testamento¹⁹ relativo a cada ponto que ele destacou! Como poderiam argumentar contra as Escrituras? Se Saulo foi um dos derrotados pela sabedoria divina de Estêvão,

essa derrota deve ter incitado e alimentado seu ódio por todos os seguidores de Jesus!²⁰

Já que não puderam silenciar Estêvão com palavras, alguns estavam determinados a achar alguma outra maneira, *qualquer* que fosse²¹. “Então subornaram homens que dissessem: Temos ouvido este homem proferir blasfêmias²² contra Moisés e contra Deus” (v. 11). Os inimigos de Estêvão usaram métodos *subversivos* — e dinheiro sem dúvida, ou seja, as testemunhas foram compradas.

Nos julgamentos anteriores de Pedro e dos demais apóstolos, vemos a mesma tática que foi usada para condenar Jesus. Foi assim também com Estêvão, quando foi levado perante o Sinédrio — pois assim como os adversários de Estêvão, os inimigos de Cristo também “procuraram algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte” (Mateus 26:59). As acusações contra Estêvão eram falsas (veja 6:13), resultado de distorcerem suas palavras. Ele ensinou que não se podia ser salvo por guardar a lei de Moisés, mas ele não *blasfemou* contra Moisés. O certo era que ele jamais blasfemara contra Deus!

As acusações, porém, foram suficientes para colocar a opinião pública contra Estêvão. “Sublevaram o povo, os anciãos e os escribas”²³ (v. 12a). Até este momento, embora os saduceus odiassem os cristãos por pregarem a ressurreição, os seguidores de Cristo contavam com o respeito da comunidade judaica como um todo²⁴. Agora a situação tinha mudado²⁵: “e, investindo, [enquanto ele pregava e curava pessoas; veja 6:8, 10]

¹⁶Observe que as acusações contra Estêvão tinham a ver com seu discurso sobre Moisés e Deus, e contra o templo e a Lei (6:11, 13, 14). As acusações eram mentiras, mas para uma mentira ser eficaz precisa de um elemento de verdade. Essas mentiras — mais a defesa de Estêvão no capítulo 7 — constituem algum indício de que a pregação de Estêvão não era bem aceita.¹⁷ Além do conteúdo da mensagem de Estêvão, o fato de muitos sacerdotes terem obedecido à fé (6:7) pode ter contribuído para que a situação explodisse.¹⁸ Os manuscritos mais antigos estão completamente em letras maiúsculas ou minúsculas. Por isso não sabemos se trata-se do espírito de Estêvão ou do Espírito Santo. O contexto parece favorecer a idéia de que Estêvão teve vitória não por mérito próprio de seu intelecto, mas com a ajuda de Deus. Dai, a maioria das versões apresentarem o termo em letra maiúscula, “Espírito”.¹⁹ Claro que o Antigo Testamento ainda não estava dividido em capítulos e versículos no tempo de Estêvão. A expressão simplesmente denota que Estêvão baseou seus argumentos nas Escrituras.²⁰ O ódio de Saulo pelos cristãos não se desenvolveu da noite para o dia. A pregação de Estêvão e sua posterior defesa incontestável podem ter sido trampolins para o ódio quase que maníaco de Saulo pelo nome de Jesus.²¹ Não creio que Saulo fosse um partido para essas testemunhas (22:3; 23:1).²² “Blasfêmia” é usada no sentido de “falar contra”. Veja “Blasfêmia” no Glossário.²³ Muitos dos escribas eram fariseus. (Veja “Escriba” no Glossário. Veja também “Fariseus” no Glossário.) Até esta altura, os saduceus tinham se empenhado em perseguir os cristãos porque os apóstolos ensinavam a ressurreição, algo em que o saduceus não criam, mas os fariseus criam. Agora, porém, a acusação era de que Estêvão estava falando contra Moisés, a Lei, e as tradições judaicas — e os fariseus se envolveram na questão!²⁴ Embora os saduceus fossem politicamente poderosos, tinham pouca influência sobre o homem comum.²⁵ Jesus já tinha visto como o povo mudava rapidamente: de “Hosana” no domingo para “Crucifica-o!” na sexta-feira. No caso de Estêvão, além da reação religiosa à acusação de que Estêvão estava falando contra Deus e Moisés, pode ter havido uma reação na prática: a economia de Jerusalém baseava no fato de o templo estar ali (o que trazia milhões de pessoas à cidade anualmente) — e Estêvão foi acusado de falar contra o templo! (Para uma reação semelhante em relação a um templo pagão, veja 19:23–41).

o arrebataram²⁶, levando-o ao Sinédrio” (v. 12b).

UMA FÉ QUE VALE À PENA DEFENDER (6:13–7:53)

Mais uma vez um seguidor de Jesus apresenta-se perante o poderoso Sinédrio²⁷. Os que haviam arrebatado Estêvão ao lugar não perderam tempo em apresentar suas testemunhas:

Apresentaram testemunhas falsas, que depuseram: Este homem não cessa de falar contra o lugar santo e contra a lei; porque o temos ouvido dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deu²⁸ (6:13, 14).

Numa coisa estavam certos: sem dúvida Estêvão “não cessava de falar” do Jesus a quem amava! O resto era uma representação equivocada das palavras de Deus (que devem ter sido citadas por Estêvão). Jesus *disse* que os judeus transgrediram o mandamento de Deus por causa de suas tradições não inspiradas (cf. Mateus 15:3). Jesus também *disse* que o templo seria destruído (Mateus 24:1, 2)²⁹. Mas Jesus jamais disse que Ele destruiria o templo, nem falou contra qualquer ensinamento que realmente foi introduzido por Moisés.

Depois de sérias acusações serem apresentadas no tribunal, viramos automaticamente e olhamos para o acusado para ver como ele reage (talvez desejando que a aparência de sua face nos diga se ele é culpado). Depois das acusações contra Estêvão serem apresentadas, todos no Sinédrio “fitaram os olhos” nele. O que esperavam ver? Um homem que parecia culpado? Um homem intimidado? Um homem que parecia estar com medo? De qualquer forma, viram algo mais. “Todos os que estavam assentados no Sinédrio, fitando os olhos em Estêvão, viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo” (6:15). Isto quer dizer que ele estava calmo e confiante?

Significa que a glória do Senhor reluzia em seu rosto como no rosto de Moisés, quando ele desceu a montanha (Êxodo 34:29), ou como no rosto de Jesus no Monte da Transfiguração (Mateus 17:2)³⁰? Disto sabemos: em vez de um réu convicto e trêmulo, viram um cristão transformado!

O sumo sacerdote³¹ rapidamente reportou-se e perguntou a Estêvão se as acusações eram verdadeiras ou não: “Porventura, é isto assim?” (7:1). De acordo com a lei, Estêvão não era obrigado a responder. Ele devia saber o perigo de responder. Como os apóstolos, porém, usava toda oportunidade para pregar — na tentativa de salvar as almas dos homens.

A defesa de Estêvão — encontrada em 7:2–53 — é um sermão. No sermão Estêvão defendeu-se contra as acusações feitas, mas também disse que não era ele o culpado e, sim, seus acusadores — culpados exatamente da mesma acusação! Eram eles — não ele — que precisavam arrepender-se e voltar-se a Deus! Estudaremos o sermão com detalhes na próxima lição; por enquanto, vamos observar a seguinte e surpreendente conclusão desse sermão:

Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e de ouvidos, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim como fizeram vossos pais, também vós o fazeis. Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles mataram os que anteriormente anunciavam a vinda do Justo, do qual vós agora vos tornastes traidores e assassinos, vós que recebestes a lei por ministério de anjos e não a guardastes (7:51–53).

Quando Estêvão falou essas palavras, ele sabia o risco que estava correndo. Suas palavras poderiam resultar em avivamento ou rejeição, soltura ou morte, salvação ou apedrejamento.

UM FÉ PELA QUAL VALE À PENA MORRER (7:54–60)

Não houve avivamento. O versículo 54 obser-

²⁶Isto não implica que tivessem de açoitar e lutar com Estêvão para levá-lo às câmaras do Sinédrio (veja os comentários sobre 5:26 na lição Quando o Homem Diz “Não” e Deus Diz “Sim”). A palavra grega equivalente a “arrebataram” indica simplesmente a natureza inesperada da ação. A NVI reflete essa idéia: “*prendendo* Estêvão”. ²⁷Estêvão é descrito como estando de pé e sozinho, o que indica que esta foi uma sessão fechada e ninguém, incluindo os apóstolos, poderia entrar. ²⁸Os judeus tinham um código não escrito de leis que acreditavam terem sido dadas por Moisés oralmente e que foram passadas de geração em geração. Por isso sustentavam que as tradições/os costumes eram válidos tanto quanto a própria Lei. Obviamente Jesus não atribuía a essas leis procedência divina. Ele ensinou que a Lei continha os mandamentos *de Deus*, enquanto as tradições/os costumes não inspiradas eram mandamentos *de homens*. ²⁹Jesus estava se referindo à destruição de Jerusalém pelos romanos que ocorreria em 70 d.C. Outro ensinamento de Jesus que foi mal entendido quando Ele se referiu ao próprio corpo como “este templo” (veja João 2:18–22; Marcos 14:58; 15:29). ³⁰A primeira objeção sobre a aparência de Estêvão ser miraculosa é que o Sinédrio não teria reagido como reagiu se não tivessem visto um milagre. Todavia, outros milagres não produziram fé nos corações mais endurecidos do Sinédrio (4:16). ³¹O sumo sacerdote era Anás ou Caifás. Como o sumo sacerdote presidiu o Sinédrio, presumo que tenha sido Caifás.

va: “Ouvindo eles isto, enfureciam-se no seu coração...” A expressão “enfureciam-se no coração” é a mesma que se acha em 5:33, quando o Sinédrio estava pronto para matar os apóstolos antes que Gamaliel interviesse. Significa literalmente “seus corações foram serrados”, como por uma serra afiada. Em vez de se arrependem de seus pecados, “ficaram furiosos” (NVI) “e rilhavam os dentes contra eles” (v. 54b). Em sua raiva, comprimiram tanto suas mandíbulas que seus dentes rangeram³². (Como a expressão “rilhavam os dentes” é comumente usada em conexão com o castigo do inferno, Lucas pode ter sugerido que o Sinédrio reagiu como os que estão destinados às chamas eternas!³³)

Desta vez nenhum Gamaliel falou para esfriar as chamas do ódio³⁴. Ao olhar para a multidão enlouquecida ao seu redor, Estêvão deve ter entendido que a morte estava por perto. Aquele foi um momento significativo não somente na terra, mas também no céu — e Deus deu a Estêvão uma visão especial para sustent-lo³⁵. Os rostos deformados pelo ódio esvaeceram-se na visão de Estêvão; no lugar deles, um lindo rosto cheio de amor preencheu sua visão. “Mas Estêvão, cheio do Espírito Santo, fitou os olhos no céu e viu a glória de Deus e Jesus, que estava à sua direita” (7:55). Quando Jesus voltou ao céu, sentou-Se à direita de Deus (Marcos 16:19; veja também Salmo 110:1, 4; Hebreus 1:13; 8:1, 2). Agora, porém, Ele estava *em pé* (veja v. 56) em respeito àquele que se dispunha a morrer pela fé³⁶.

Estêvão disse: “Eis que vejo os céus abertos e o Filho do homem³⁷, em pé à destra de Deus”

(7:56). Durante o julgamento de Jesus, o sumo sacerdote perguntara: “És tu o Cristo, o Filho do Deus Bendito? Jesus respondeu: Eu sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo com as nuvens do céu. Então o sumo sacerdote rasgou as suas vestes e disse: Que mais necessidade temos de testemunhas? Ouvistes a blasfêmia” (Marcos 14:61–64a)! Se Jesus havia sido culpado de blasfêmia por alegar que *estaria* à direita de Deus, Estêvão tinha de ser culpado de blasfêmia por dizer que Jesus *estava* à direita de Deus!³⁸

A declaração de Estêvão de estar vendo Jesus foi a gota d’água!³⁹ “Eles, porém, clamando em alta voz”, os distintos membros do Sinédrio trajando suas becas judiciais, “taparam os ouvidos” com as mãos para abafar as palavras odiosas de Estêvão, “e, unânimes, arremeteram contra ele” (7:57). Isto, a grosso modo, equivale à seguinte cena: os juízes do Supremo Tribunal se levantam, tiram das suas becas pretas armas automáticas e atiram no réu para matar! Seria uma cena difícil de se acreditar, se não tivesse sido escrita por um homem inspirado!

O que sucedeu a seguir foi um ato ilegal tanto na lei romana⁴⁰ quando na lei judaica⁴¹. Provavelmente os apóstolos teriam sido tratados dessa forma, se Gamaliel não tivesse acalmado o Sinédrio. “E, lançando-o fora da cidade, o apedrejaram” (7:58a). Incapazes de silenciar Estêvão, mentiram a respeito dele. Incapazes de responder à sua defesa, mataram-no. É assim que o erro costuma reagir à verdade.

Mas, algum aspecto da legalidade foi preser-

³²A expressão dá a impressão de que eles tentavam morder Estêvão! Na Bíblia, rilhar os dentes geralmente indica furor ou cólera (Jó 16:9; Salmos 35:16) ou desespero (Lucas 13:28). ³³Mateus 8:12; 13:42, 50; 24:51; 25:30; Lucas 13:28. Como a palavra grega equivalente a “rilhar os dentes” poderia ser traduzida por “morder”, Lucas também podia estar comparando o Sinédrio a uma matilha de cães selvagens! ³⁴Será que Gamaliel não estava presente desta vez? Será que ele simplesmente preferiu não se opor ao Sinédrio pela segunda vez? Seria difícil crer que Gamaliel tenha aprovado a atitude tomada nesse dia infame. ³⁵Por algumas vezes Deus deu esse tipo de visão a Paulo (veja 18:9, 10; 23:11; 27:23, 24). Sem dúvida, Lucas falou dessa visão para encorajar os que mais tarde dariam a vida pela fé. ³⁶Levantamo-nos em honra a uma pessoa. Outras sugestões têm sido apresentadas quanto a por que Jesus é descrito como estando em pé, em vez de sentado. Ele estava em pé, pronto para receber Estêvão de braços abertos; estava em pé, pronto para ser o advogado de Estêvão e para confessar-lo diante de Deus; estava em pé, pronto para julgar os assassinos de Estêvão; etc. Não importa qual seja a razão, a maioria dos comentaristas pensa que havia um significado especial no fato de Jesus ser descrito como estando em pé. ³⁷Este é um termo messiânico (Daniel 7:13, 14) usado com frequência por Jesus referindo-Se a Si mesmo. ³⁸Naturalmente, nem Jesus nem Estêvão eram culpados de blasfêmia, pois eles falavam a verdade. ³⁹“A última gota d’água” é uma figura de linguagem que significa “a última gota para fazer o copo transbordar”, isto é, a paciência esgotar. ⁴⁰Os eruditos debatem o problema de “como o Sinédrio saiu dessa”, uma vez que os romanos tinham lhes tirado o direito de executar a pena de morte (exceto na questão de profanarem o templo). 1) Talvez não tenham saído dessa; Lucas não fala da reação de Roma. 2) Talvez, uma vez que a questão envolvia o templo, convenceram os oficiais romanos de que Estêvão “profanara o templo”. 3) Talvez os oficiais romanos tenham sido incapazes de averiguar o que ocorrera (o governador romano ficava em Cesaréia, exceto durante os dias de festa). 4) Talvez os oficiais romanos soubessem o que acontecera, mas decidiram ver a coisa de outra maneira. O Espírito Santo não pensou ser importante sabermos disso. ⁴¹Não há indícios de uma discussão sensata, uma votação ou uma decisão pensada. Foi uma ação conjunta.

vado no procedimento. Estêvão fora acusado de blasfêmia, e a pena por blasfêmia era apedrejamento (Levítico 24:10–23; Deuteronômio 13:6–11). Portanto, o apedrejaram. A tradição⁴² judaica dizia que a pena de morte não deveria ser administrada dentro da cidade, por isso levaram-no para fora de Jerusalém (veja 1 Reis 21:13). Os que haviam testemunhado contra o réu deviam ser os primeiros a atirar pedras (Deuteronômio 17:7; veja João 8:7). Lemos, então, que “...as testemunhas deixaram suas vestes” (7:58b) para que suas mãos ficassem livres para atirar.

Deixaram suas vestes “aos pés de um jovem⁴³ chamado Saulo” (7:58c). Esta é a primeira vez que lemos a respeito de Saulo (mais tarde conhecido como Paulo), mas já sugerimos que, provavelmente, ele tenha se envolvido na discussão com Estêvão na sinagoga helenista. Sem dúvida, ele estava presente no Sinédrio para o julgamento⁴⁴ de Estêvão e, provavelmente, estava entre os que rilharam os dentes como feras selvagens contra Estêvão. Em 8:1 lemos que “Saulo consentia na sua morte”. Mais adiante, numa oração, Paulo diria: “Quando se derramava o sangue de Estêvão, tua testemunha, eu também estava presente, consentia nisso e até guardei as vestes dos que o matavam” (22:20).

Por que as testemunhas confiaram suas vestes a Paulo e não a outra pessoa? Talvez isto indique que Saulo estava encarregado da execução⁴⁵; talvez tenha sido mera coincidência. Não se sabe com certeza por que as testemunhas puseram suas vestes aos pés de Saulo, mas podemos presumir por que Lucas partilhou esse detalhe

conosco: para mostrar como Saulo estava envolvido e por que todos os detalhes ardiavam indelevelmente em suas memórias (22:20; cf. 1 Timóteo 1:13).

O apedrejamento era uma forma terrível de morrer. Se o Sinédrio o levou para o lugar oficial de apedrejamento, eles o atiraram do alto de um penhasco, arremessaram dali pedras bem grandes para esmagá-lo e então o apedrejaram com pedras enormes até que o fôlego de vida deixasse seu corpo moído e quebrado⁴⁶. Como esta foi uma ação conjunta, eles podem simplesmente tê-lo cercado, começando a atirar pedras pequenas acompanhadas de maldições.

No meio de todo temido furacão há um “olho” onde tudo é calmo. Cercado de ódio tempestuoso, Estêvão estava em paz. Seus momentos finais estão registrados em 7:59, 60:

E apedrejavam Estêvão, que invocava e dizia: Senhor Jesus, recebe o meu espírito⁴⁷! Então, ajoelhando-se⁴⁸, clamou em alta voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. Com estas palavras, adormeceu⁴⁹.

Como Estêvão pôde morrer com uma oração nos lábios a favor de seus assassinos? Estava imbuído do espírito dAquele que disse as seguintes palavras na cruz: “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Lucas 23:34), e que entregou assim seu espírito a Deus: “Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito” (Lucas 23:46)⁵⁰. Saulo jamais pôde apagar essa cena de sua mente. Mais tarde Agostinho sugeriu o seguinte: “A igreja deve a pregação de Paulo à oração de

⁴²Essa tradição judaica não inspirada foi mais tarde codificada no Talmude, que pode ser chamado de “as interpretações judaicas da Lei”. ⁴³“Jovem” indica que Saulo tinha menos de quarenta anos. É provável que, nesse tempo, tivesse entre trinta e quarenta anos. ⁴⁴Já se discutiu consideravelmente se Saulo foi ou não membro do Sinédrio. Veja a discussão no sermão sobre a conversão de Paulo na lição “Um Chacinador É Imerso!”. ⁴⁵Como “aos pés de” geralmente denotava uma submissão (veja as notas a 4:35, 37; 5:2 na lição “Cuidado! Rochas Submersas Adiante!”.) e como Saulo foi imediatamente o principal inspetor da perseguição contra os cristãos iniciada no dia em que Estêvão foi morto (8:1), Saulo *pode* ter sido responsável pela execução. Saulo nunca alegou ser um mero apoiador quando os cristãos eram mortos (26:10). ⁴⁶Instruções minuciosas são dadas em gerações posteriores a respeito de como devia se administrar o apedrejamento. Não se sabe se essas diretrizes estavam em vigor no tempo de Estêvão. O fato é que Estêvão conseguiu ajoelhar-se (v. 60) leva-me a crer que seu apedrejamento foi menos formal. ⁴⁷Esta é uma das poucas vezes nas Escrituras em que uma oração é dirigida a Jesus. Isto mostra que não é errado dirigir uma oração a Jesus (vários cânticos são dirigidos diretamente a Jesus), mas, como temos apenas alguns exemplos disso, essas orações devem ser exceções e não regra. A regra é dirigir as orações a Deus *através de* Jesus (1 Timóteo 2:5; João 16:23, 24). ⁴⁸O texto original literalmente diz: “E colocando-se de joelhos”, o que implica em ação voluntária, estando ele de pé até esse momento. Mas, ele também pode ter estado deitado, levantando-se para ajoelhar-se. De qualquer forma, parece que ele preferiu a posição para orar por seus torturadores. ⁴⁹Jesus falou da morte como um sono (João 11:11), e os escritores do Novo Testamento escolheram essa fraseologia (1 Tessalonicenses 4:13). Refere-se à morte do corpo, não do espírito, e enfatiza que a morte não é o fim, pois haverá uma ressurreição corpórea (1 Coríntios 15). A palavra portuguesa “cemitério” significa literalmente “lugar do sono”. ⁵⁰A oração de Estêvão contrasta com a do mensageiro do Antigo Testamento que foi apedrejado até a morte pela sua fidelidade. Esse mensageiro disse: “O Senhor o verá e o retribuirá” (2 Crônicas 24:22).

Estêvão⁵¹.

A partir desse momento, porém, desvairado pelo sangue de Estêvão, Saulo tornou-se um animal⁵² selvagem em busca da destruição da igreja. Imediatamente depois do relato da morte de Estêvão, lemos:

Naquele dia, levantou-se grande perseguição contra a igreja em Jerusalém... Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere (8:1b, 3).

Estêvão foi o primeiro mártir cristão, mas não o último.

CONCLUSÃO

Estêvão estava disposto a morrer pela fé. Gostaria que cada um de nós perguntasse: “Pelo que estou disposto a morrer?” Homens morreram pelos seus países. Homens morreram por suas família. Homens morreram pelas causas em que acreditavam. Graças a Deus, homens como Estêvão estiveram dispostos a morrer pela fé em Jesus — mesmo nos dias atuais. Você estaria disposto a morrer pela sua fé?

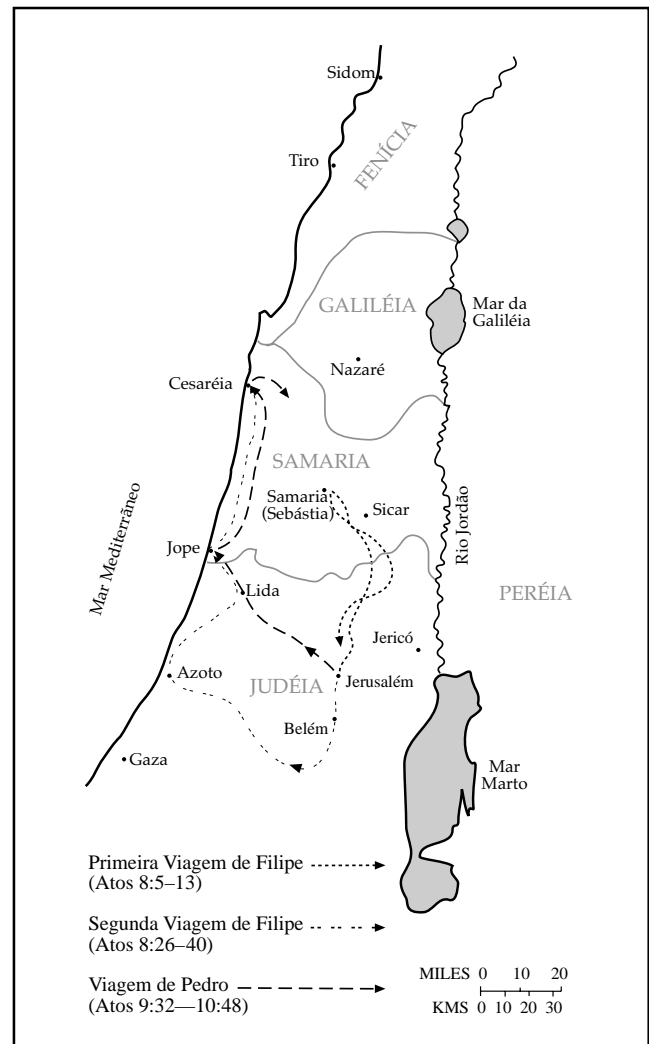
Ao ponderar essa pergunta, considere isto: Você jamais morrerá pela sua fé sem que primeiro esteja disposto a *viver* por ela. A atitude de Estêvão igual à de Cristo não se desenvolveu de repente, assim que as pedras começaram a atingir seu corpo. Muito antes dessa hora, ele entregara sua vida ao Senhor e era descrito como “cheio do Espírito Santo e de sabedoria”, “cheio de fé”, e “cheio de graça e poder”. Sua morte vitoriosa refletiu uma vida de vitória.

Você já entregou sua vida a Jesus? Se você morresse agora mesmo, você oraria: “Senhor Jesus, recebe o meu espírito” — *sabendo* que Jesus estaria esperando para recebê-lo de braços abertos? Uma coroa de vitória (2 Timóteo 4:8; gr.: *stephanos*) está aguardando você, assim como estava aguardando Estêvão — se você simplesmente submeter sua vida ao Senhor. Os israelitas cometeram o erro de rejeitar os mensageiros de Deus. Não cometa o mesmo erro rejeitando Cristo! ❖

⁵¹Esta citação é feita por muitos autores. Obviamente, nunca saberemos a totalidade do impacto da morte de Estêvão sobre Saulo, mas Jesus mais tarde disse que “era duro para Paulo recalcitrar contra os agulhões” (26:14), indicando que Jesus havia usado uma série de coisas para aguilhoar [incitar] Saulo e que era-lhe doloroso ignorá-los. A recordação dolorosa de Estêvão devia ser um desses agulhões. O fato de Lucas enfatizar que Saulo estava presente sugere que era isso mesmo. ⁵²Veja os comentários sobre “assolar a igreja” em 8:3 na lição “A Chama que se Espalhou”.

NOTAS SOBRE RECURSOS VISUAIS

Loy Smith, um amigo meu, começou uma lição sobre Estêvão com uma amostra do apedrejamento de Estêvão. Acima de uma ilustração de Estêvão havia as palavras “Estêvão Foi Apedrejado até a Morte”. No fim da apresentação, ele acrescentou as palavras abaixo da ilustração: “A quem temos apedrejado ultimamente?” Acrescentou, então, pedras com as inscrições: “fofoca”, “difamação”, “palavras odiosas”, “crítica destrutiva”, “insinuações”, etc.



As Viagens de Filipe e Pedro

Autor: David Roper

Série: Atos

© Copyright 2001, 2003 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS